

COM MINHA CASA, A MINHA VIDA FICA BEM MELHOR, DENTRO DO QUILOMBO.

NORBERTO LUIZ MARQUES ANDERSSON¹; FABIANA DA SILVA ANDERSSON²; ANTONIO LILLES TAVARES MACHADO³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – andersson.norberto@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – fabiandersson@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lilles@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Todo ser humano, desde o início dos tempos, sempre procurou um local que desse abrigo para as pessoas de seu relacionamento mais íntimo. Quem casa quer casa. É um velho ditado que perdura até os dias atuais, continuando com muita força em seu significado. As dificuldades para a construção de uma moradia digna, ainda são reais nos dias de hoje, principalmente pelo modo como são representados os fatores: sociais, culturais, ambientais e econômicos de determinadas etnias, que sempre estiveram à margem da condição mínima de subsistência.

. A partir da Constituição Federal promulgada em 1988, cujo Artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, com o surgimento de muita polêmica em torno disso, pois não são poucos os interesses em jogo de acordo com Rodrigues (2010).

Somente em 2003 o Decreto Lei 4887/2003 regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das áreas ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombolas de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Em seu Art.2º são considerados remanescentes das comunidades dos quilombolas, para fins deste Decreto, os grupos étnicos raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, atestada mediante auto-definição da própria comunidade. Cartilha Quilombola Terra (2013).

Em 2008, o CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia), foi indicado pelos quilombolas para realizar um levantamento e apoiar o reconhecimento formal das comunidades junto ao Programa Territórios da Cidadania. Como resultado foram identificadas 43 comunidades localizadas em 17 dos 25 municípios da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, envolvendo cerca de 5 mil famílias. Também foi elaborado o Mapa Temático das Comunidades Quilombolas do Território Zona Sul do Rio Grande do Sul. Cartilha Um novo olhar sobre o território Zona Sul (2013).

Por tanto, foi assinado na Comunidade Quilombola do Algodão, na Colônia Triunfo e Colônia Aliança, 4º Distrito do município de Pelotas, os contratos para a construção de 31 casas para os moradores do local. As assinaturas tiveram significado especial de cidadania, já que garantirão um lar digno, com segurança, para os quilombolas da comunidade. Com especificações mínimas de 45,79 m² de área construída, as casas terão dois quartos, banheiro, sala e cozinha, com projetos adaptados a portadores de necessidades especiais e fossas sépticas e sumidouros, portanto terão água encanada e esgoto tratado, além da eletricidade

para um chuveiro elétrico entre outros eletrodomésticos que poderão ser instalados.

O evento das assinaturas aconteceu na sede da associação da Comunidade Quilombola do Algodão, na colônia Triunfo, 4º distrito de Pelotas (RS), sendo, portanto contratos para a construção de 31 novas unidades habitacionais para quilombolas. O projeto “Morando Bem no Quilombo”, incluído no Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) é integrante do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) do Governo Federal.

A construção das 31 moradias será realizada pelos próprios beneficiados, que tiveram um treinamento de como construir, seguindo as boas técnicas de edificação. Eles serão acompanhados por um engenheiro, durante a realização dos trabalhos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de visitas técnica dirigida, como parte integrante de uma atividade profissional de acompanhamento de obra rural, referente ao Projeto Residencial Padrão para Comunidades Quilombolas, Comunidades Quilombolas do Território da Cidadania, Região Sul do RS.

A Comunidade Quilombola acompanhada, localiza-se na Colônia Triunfo e Colônia Aliança, no município de Pelotas – RS, onde estão sendo construídas 31 casas de moradia.

Trata-se, portanto de pesquisa exploratória. No desenvolvimento das atividades foram utilizadas ferramentas/instrumentos denominadas de metodologias participativas, que valorizam os agricultores familiares quilombolas, o que eles têm no local e aperfeiçoam e/ou potencializam as experiências (Habermeier, 1995).

Dentre diversas ferramentas metodológicas o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) permite que os atores sociais façam o próprio diagnóstico (Verdejo, 2006) e se consiga compreender a percepção da realidade da comunidade.

Os instrumentos mais utilizados em um Diagnóstico Rural Participativo (DRP) são: observação participante, entrevistas semi estruturadas, mapas e maquetes, travessia, calendários, diagramas, matrizes e análise de gênero (Petersen; Romano, 1999; Verdejo 2006).

A observação participante (Verdejo, 2006) foi utilizada na primeira etapa da pesquisa, vez que propõe o "andar com os olhos abertos" e aproveitar as possibilidades de partilhar momentos do cotidiano com agricultores quilombolas, conhecer a realidade e criar um clima de confiança.

Foi utilizada, também, a ferramenta de diagnóstico rural participativo denominada de caminhada, preconizada por Ruas et. al. (2006), técnica que consiste em percorrer determinados trechos de uma propriedade, junto com participantes, para identificar e discutir diversas percepções das características espaciais e do agroecossistema, as formas de ocupação da terra e o modo de vida das pessoas envolvidas.

O trabalho foi auxiliado por técnica que se rotula por reunião problematizadora (Ruas et. al., 2006), que permite o desenvolvimento de um processo de reflexão com base em questionamentos, confrontos e associação de idéias, sobre a realidade a fim de se compreender os fenômenos objetivando a transformação. A tarefa foi complementada por entrevista semi estruturada, conforme Verdejo (2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando ocorreu o contato e o reconhecimento da área, houve a comprovação de que as pessoas habitantes do Quilombo do Algodão, moravam em habitações que não possuíam água encanada, o esgoto era a céu aberto, algumas com e outras sem energia elétrica, o piso, das moradias, era de terra, as paredes de madeira com frestas por onde passava frio e chuva, de telhamento precário, conforme a foto abaixo.



Acervo do autor/2013



Acervo do autor/2013

Portanto, conforme foto acima, casas dignas de serem chamadas de moradia e adequadas para habitação das famílias no meio rural foram construídas e entregues o quanto antes, devido ao fato das precárias condições de habitabilidade anteriormente existentes na comunidade quilombola. As unidades terão 45,79 m² de área construída, com dois quartos, sala, banheiro e cozinha, estando os projetos adaptados para portadores de necessidades especiais, além de possuírem caixa de água, fossa séptica e sumidouro, bem como energia elétrica.

4. CONCLUSÕES

Estas casas serão muito bem vindas, pois as pessoas que as habitarem, terão um conforto a mais, com relação à igualdade de condições, com as demais pessoas, que moram de forma digna e segura no meio rural. Isto será um fator importante na decisão em permanecer no local de trabalho agrícola, onde algumas famílias quilombolas possuem a prática na produção de hortigranjeiros, a princípio para seu sustento e o que sobra para a venda direta aos consumidores, muito embora, também eventualmente vendam, terceirizando sua força de trabalho nas lavouras de fumo e pomares de pêssego da redondeza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cartilha **Quilombola Terra** copy - Instituto Sumaúma *TERRA QUILOMBOLA*
Acessado em 06/2013 Disponível em:
www.institutosumauma.org.br/imagem/arquivo/Terra_Quilombola.pdf

Cartilha **Um novo olhar sobre o território Zona Sul**/coordenação, Rita Surita – Pelotas CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (2013) 42p

HABERMEIER, K. **Como fazer DIAGNÓSTICO rápido e participativo da pequena produção rural.** Recife: SACTES/Centro Sabiá, 1995. 72 p.(Série Metodologias Participativas).

PETERSEN, P. ROMANO, J. D. **Abordagens participativas para o desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: AS-PTA/Actnoaid-Brasil. 1999. p. 144.

RODRIGUES, V. Programa Brasil quilombola: um ensaio sobre a política pública de promoção da igualdade racial para comunidades de quilombos **Cadernos Gestão Pública e Cidadania** / v. 15, n. 57 • São Paulo: 2010

RUAS, E. D. et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR.** Belo Horizonte, março 2006. 134p.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.